



IMPACTOS PROVOCADOS PELA ARACRUZ CELULOSE S/A SOBRE OS RECURSOS HÍDRICOS DA REGIÃO LESTE E NORTE DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO-BRASIL

Aline Luciana de Freitas

Estudante de bacharelado em Geografia
Universidade Federal de Viçosa – Brasil
aline_freitas@ymail.com

Cláudio Vinícius Pedroso de Azevedo Andrade

Estudante de bacharelado em Geografia
Universidade Federal de Viçosa – Brasil
claudio.andrade@ufv.br

RESUMO

O artigo tem como eixo principal a análise do relatório produzido pela Associação de Geógrafos do Brasil (seção Espírito Santo) com o propósito de apresentar alguns dos impactos provocados pela transnacional Aracruz Celulose S/A sobre a região leste e norte do estado do Espírito Santo- Brasil, devido ao plantio de eucalipto e a produção de pasta branca de celulose para exportação. O consumo que a planta eucalipto exige sobre os recursos hídricos ainda é alvo de grandes discussões, mas muitos resultados negativos vêm sendo observados no seu plantio em grande escala. A produção de pasta branca de celulose também é uma grande consumidora de recursos hídricos. Ao longo dos anos a transnacional tem sido alvo de denúncias sobre o uso inadequado dos recursos hídricos da região deixando a população local em péssimas condições. A canalização de rios, o desvio de seus cursos para reservatórios particulares, a poluição das águas e a morte de nascentes são algumas das atribuições da empresa. Este acúmulo de irregularidades gera grandes problemas às populações locais que se caracterizam por povos ribeirinhos, indígenas e quilombolas. Ainda é preciso evoluir muito nas leis e na sua aplicação de modo que não tenhamos o nosso território e população explorados displicentemente, visto que outras empresas (do grupo Aracruz) têm se instalado em outras partes do território nacional

Palavras-chave: *Recursos hídricos; Espírito Santo; Aracruz Celulose S/A.*



ABSTRACT

The article's main axis analysis of the report produced by the Association of Geographers of Brazil (section Holy Spirit) with the purpose of presenting some of the impacts caused by transnational Aracruz Celulose S / A on the east and north of the state of Saint-Spirit Brazil, due to eucalyptus plantations and the production of white cellulose pulp for export. The consumer requires that the plant eucalyptus on water resources is still broadly discussed, but many have been negative results observed in their planting on a large scale. The production of white cellulose pulp is also a large consumer of water resources. Over the years the transnational has been the target of complaints about the inappropriate use of water resources in the region leaving the local population in poor condition. The canalization of rivers, diverting their courses for particular reservoirs, water pollution and the death of springs are some of the duties of the company. This accumulation of irregularities creates great problems for local populations that are characterized by coastal peoples, indigenous and maroon. We still need to evolve much in the laws and their application so we do not have our territory and carelessly exploited population, since other companies (the Aracruz group) have been installed in other parts of the national territory.

Key words: *Water resources; Holy Spirit; Aracruz Celulose S/A.*





1. INTRODUÇÃO

Segundo dados do IBGE (2010) o estado do Espírito Santo ocupa uma área de 46.095,583 Km², equivalente a 0,5% do território brasileiro. O estado compõe a região Sudeste que concentra 55,4% do PIB nacional e 42% da população do país. Juntamente com os estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo formam a região que se destaca como pólo econômico brasileiro. O estado assumia uma posição periférica em relação aos demais estados da região Sudeste até a década de 70. Sua produção cafeeira foi o fator principal de interiorização do território, bem como responsável pela estruturação do seu espaço econômico. A sua economia voltada para a produção de café (possibilitada pelo extenso desmatamento de florestas de Mata Atlântica), sofreu profundas alterações após a implantação do programa de erradicação dos cafezais posto em prática entre 1962 e 1966. O programa de erradicação se deu devido à crise nacional de produção e comercialização deste produto. Este programa gerou uma grande crise no estado que só pode ser contornada após uma injeção de investimentos públicos e privados, que consistia, além de incentivos fiscais, o financiamento para a diversificação da economia capixaba. Além disso, os investimentos da União e do Estado nos setores portuário, viário e energético permitiram uma inserção mais sólida na dinâmica econômica do país.

Neste contexto, segundo MARACCI et al. (2004):

“A presença da monocultura do eucalipto nos territórios indígenas no Espírito Santo data do final da década de 60 (1967/68), quando foram iniciados os primeiros plantios de eucalipto feitos por uma empresa

chamada Vera Cruz Florestal. Pouco tempo depois, foi criada a Aracruz Florestal S/A (ARFLO), que cuidava especificamente dos plantios do Grupo Aracruz. No início da década de 70, é criada a fábrica Aracruz Celulose S/A, que começou a produção de celulose de fibra curta com capacidade de 470 mil toneladas por ano.”

Localizada na cidade de Aracruz, no distrito de Barra do Riacho, a empresa ao longo dos anos se ampliou e hoje conta com três unidades industriais na região (implantadas em 1978, 1991 e 2002) visando atender a demanda internacional de papel. A empresa também se instalou nos estados da Bahia, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, e atualmente sua produção chega a dois milhões de toneladas por ano. Hoje a empresa representa 31% da oferta de polpa branca de celulose do mundo assumindo a posição de líder mundial. Da sua produção no Brasil cerca de 95% são destinados à União Europeia e Estados Unidos. Dessa forma, o retorno financeiro da Aracruz Celulose S/A (hoje denominada Fíbria, após a fusão com a empresa Votorantim) foi considerável, e em 2003, com os investimentos injetados pelo BNDES, a empresa pode registrar um lucro líquido de R\$ 870 milhões, o maior desde a sua criação (SILVESTRE E e RODRIGUES, 2007).

Segundo Oliveira Júnior (2008) toda esta prosperidade está pautada em uma série de irregularidades registradas ao longo dos anos desde a sua implantação. Suas principais atribuições são: apropriação ilegal de terras (grilagem, expulsão e manipulação para venda a preços irrisórios), desmatamento de parte da Mata Atlântica, envio de dejetos nos recursos hídricos, plantio irregular de eucalipto



(nascentes e margem de rios), o espaço, subjugando o meio natural e as construções de barragens e transposição de rios de maneira irregular. Desde a sua implantação a empresa é alvo de denúncias e CPIs a fim de apurar suas irregularidades. Em 2002, em função da “CPI da Aracruz” houve a constatação da apropriação ilegal de terras de comunidades quilombolas nos municípios de São Mateus e Conceição da Barra. A empresa foi condenada a devolver as terras às comunidades, além de pagar uma indenização de um milhão de reais por danos morais. Outros processos relacionados aos usos inadequados dos recursos naturais e subjugação de populações tradicionais (quilombolas, indígenas e ribeirinhos) são iniciados, porém, muitos sem êxito visto que a empresa tem amplo apoio das autoridades locais dos âmbitos legislativo executivo e judiciário, além de grande influência (sobretudo econômica) sobre mídia da região.

Embora haja muitas outras questões importantes a serem refletidas a respeito desta situação, este artigo irá se direcionar à análise da utilização dos recursos hídricos pela empresa, tanto para plantio de eucalipto quanto para produção da pasta branca de celulose. Muitos dados apontam que estas atividades consomem grande quantidade de água, e, sendo a Aracruz uma empresa que abastece grande parte do mercado mundial, é inegável que haja um grande consumo dos mananciais hídricos das áreas da região, bem como consequências indesejáveis para a população local.

ÁREA DE ESTUDO

O presente artigo tem como área de estudo a geografia e os conflitos sócioambientais, uma vez que apresenta as consequências de uma racionalidade capitalista globalizada materializada sobre

o espaço, subjugando o meio natural e as populações locais, inserindo-os na lógica do sistema-mundo moderno-colonial (PORTO-GONÇALVES, 2006). Nesta lógica as relações de exploração arcaicas são concomitantes e possibilitadoras da dinâmica moderna de produção capitalista. Assim, países como Brasil que tiveram sua origem baseada na colonização exploratória de seus recursos, ainda seguem sua condição de subordinação e colonialidade em relação aos Estados Unidos e União Européia. Esta condição se vê refletida no espaço e nas relações sociais estabelecidas na região leste e norte do estado do Espírito Santo, Brasil. Os Povos Quilombolas, Indígenas (Guarani e Tupinikim) e Ribeirinhos veem seus territórios, culturas e meio natural sendo usurpados e tendo a convivência dos setores governantes, perpetuando uma história que ocorre há 500 anos.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Este artigo está estruturado a partir de uma reunião de teses e artigos que apresentam aspectos da destruição dos recursos hídricos na região norte e leste do estado do Espírito Santo, Brasil. Como fonte bibliográfica principal será utilizada o Relatório elaborado pela AGB (Associação de Geógrafos do Brasil) do estado do Espírito Santo, cuja referência é MARACCI et. al (2004). A análise se estruturará de forma a explicitar as principais formas de uso irregular dos recursos hídricos realizados pela transnacional Aracruz Celulose S/A (Fíbria) e suas consequências para a natureza e para a população presente na região.



3. RESULTADOS

O Espírito Santo possui um território alongado com seu relevo apresentando maiores altitudes no interior do estado, decrescendo até chegar à região litorânea. Esse aspecto tem influência direta no comportamento da rede de drenagem do estado fazendo com que a maioria das suas bacias sigam de oeste para leste. A maioria destas bacias também apresenta pequenas extensões e vazões reduzidas, uma exceção é o Rio Doce, que possui sua nascente e grande parte da sua extensão no estado de Minas Gerais.

A transnacional Aracruz Celulose S/A. se localiza no distrito de Barra do Riacho, no município de Aracruz, além de estender suas outras duas fábricas e plantações nas cidades do entorno. Após sua implantação foram plantados cerca “(...)70% dos 40 mil hectares de terras presentes no município de Aracruz, além de 30 mil hectares nos municípios de São Mateus e Conceição da Barra(...)” (MARACCI et al., 2004).

O elevado índice de apropriação do território pela monocultura de eucalipto trás grandes preocupações não só pela perda da fauna e flora e expropriação da população local, mas também pelo elevado uso hídrico necessário a estas plantações. Além de não ser uma planta nativa do estado, nem tampouco do país (uma vez que faz parte da flora natural da Oceania), o eucalipto tem uma grande facilidade de adaptação em diversos ambientes, porém desenvolve-se melhor em ambientes com grande disponibilidade de água pois, se caracteriza por ser uma árvore de crescimento rápido e elevada produtividade. Embora existam grandes discussões acerca desta questão, foi observado no Relatório da AGB-ES (2004) o relato de populações locais alegando a plantação de eucalipto em áreas de

nascentes e no leito maior dos rios, a o posterior declínio da quantidade e qualidade da água, como é o caso do rio Piraquê-Açu, que abastece populações rebeirinhas e indígenas. Este plantio indiscriminado deixa grande parte da população alarmada uma vez que esta depende da água dos mananciais da região.

A produção industrial da pasta branca de celulose de fibra curta, a qual a empresa Aracruz é destaque depende também de grandes contingentes hídricos que acabam por exigir muito dos rios e córregos desta área.

Para a instalação da primeira empresa na região e ampliação da segunda a Transnacional represou um rio e diversos córregos para fins de uso exclusivo. O rio Santa Joana, córrego Santa Joana, Pavor, Águas Claras, Arroz, Alvorada, Piabas e Constantino (que fazem parte da Bacia do rio Saué ou Soé) foram represados dando origem aos reservatórios da Aracruz Celulose S/A.

Ainda no município de Aracruz observou-se o manilhamento dos rios Sahy e Guaxindiba. O manilhamento apresenta uma série de consequências por toda extensão do rio, não se restringindo a sua área de interferencia.

BOTELHO (2011) afirma que:

“Ao retificar o trecho do baixo curso de um rio, é preciso lembrar que não apenas esse trecho está sendo alterado, mas o rio como um todo. (...) Isso significa que os processos erosivos e de transporte que caracterizam o alto e o médio curso do rio são intensificados, pois a maior velocidade das águas imprimida a jusante, incide sobre os trechos a montante, já que se trata de um único sistema. Ao erodir e transportar mais sedimentos, o rio irá necessariamente depositá-lo a jusante, quando houver



redução da declividade. O trecho canalizado tende a ter assoreamento ao longo do tempo, especialmente se as margens do alto e médio cursos não estiverem devidamente protegidas, com a presença de mata ciliar. Desbarrancamentos das margens são comuns quando da ausência dessa cobertura vegetal. Os sedimentos são transportados e depositados a jusante, diminuindo a área de seção transversal do canal, por assoreamento do fundo.”

Segundo MARACCI et al. (2004), os trechos não canalizados dos rios Sahy e Guaxindiba estão desmatados, apresentam plantações de eucaliptos e outros recebem esgotos sem tratamento. Além das modificações nas estruturas dos rios, o relatório apontou a perda da qualidade da água que era consumida principalmente pela população indígena da Aldeia Pau-Brasil presente nestas áreas. A presença dos eucaliptais com seu grande uso de agrotóxicos permite seu lixiviamento para os rios, que acaba comprometendo o seu consumo além da vida aquática do local. O córrego Sahy Mirim, afluente do Sahy, também apresenta condições precárias devido a ações da transnacional. Foi construída a Barragem do Inácio, a montante do córrego, objetivando a irrigação das mudas da primeira fábrica da transnacional. Esta intervenção impede que as águas percorram o córrego Sahy Mirim deixando-o seco.

O Relatório também aponta para a transposição das águas do Rio Doce para a Bacia Rio Riacho através do Rio Comboios (possibilitada pela construção do canal Caboclo Bernardo) sem o devido

licenciamento ambiental. Este processo se caracteriza como transposição de bacias visto que o Rio Doce e o Rio Riacho possuem saídas distintas para o mar. Porém, com apoio das autoridades locais o processo de transposição ocorreu sem o EIA/RIMA (estudo e relatório de impacto ambiental) necessário. Sabe-se que é necessário estudos preliminares de possíveis impactos sobre o ambiente quando se trata de uma obra que vise manipular o curso e a vazão tanto dentro de uma mesma bacia quanto de bacias deferentes. O rio Comboios era utilizado pela população indígena de Comboios para se deslocar, se banhar e se alimentar, e as áreas que ficavam submersas em alguns períodos do ano, eram utilizadas para plantio em épocas secas. Após a transposição as águas mais poluídas do Rio Doce não permitem mais sua utilização e sua grande vazão provocou a submersão constante das áreas cultiváveis. A transposição foi feita para suprir as necessidades da terceira fábrica da Aracruz (Fíbria).

Além da atuação irregular da empresa sobre os rios há também ações que colocam em risco a vida marinha próxima ao litoral, bem como os mangues e toda sua diversidade. “São lançados [efluentes das fábricas] a 1.700 m da praia e a 17 metros de profundidade.”(MARACCI et al., 2004). Apesar de, segundo a transnacional, estes efluentes passarem por lagoas aeradas, e por lá permanecer por sete dias, não há qualquer forma de controle feito por quaisquer órgãos que possam garantir a qualidade desse material, antes de ser despejado no mar.

DISCUSSÃO



Segundo BOTELHO (1999):

“(...) a bacia hidrográfica é uma unidade natural de análise da superfície terrestre, onde é possível reconhecer e estudar as relações existentes entre os diversos elementos da paisagem e os processos que atuam na sua esculturação.”

Percebemos que as influências geradas pelas ações antrópicas tem relação direta com a produção da paisagem, bem como com os processos que a modificarão continuamente.

A partir de tomadas de decisões unilaterais, percebe-se, ao longo dos anos, a formação de uma paisagem inóspita, sem diversidade e sem possibilidades. A bacia de drenagem se modifica para atender os interesses de transnacionais, os resultados nefastos são observados por aquele que outrora possuíam qualidade de vida. Toda essa manipulação do espaço e dos recursos hídricos só é possível por meio de estratégias como o financiamento de campanhas eleitorais, bem como a utilização da mídia local para difundir uma imagem condizente com o marketing ambiental em voga.

A partir das questões observadas podemos perceber que ainda continuamos a conviver em nosso país com um modelo sócioeconômico que nos coloca como colônia baseada na exploração de nosso povo e nossos recursos ambientais. Sabe-se que os impactos de modificações nos recursos hídricos não se limitam a eles mesmos, mas abrangem toda a flora e fauna do local. Sabemos também que as populações (mesmo que em longo prazo) também sentem as consequências de tamanhas mudanças. Mas em meio a tantas

evidências de exploração e uso indiscriminado de nossos recursos a produção da Aracruz Celulose S/A segue crescendo e ampliando seus lucros. As populações tradicionais seguem sendo as mais atingidas e tendo pequenas vitórias, porém inexpressivas frente à devastação ambiental e cultural realizada pela transnacional. É de se espantar como uma empresa pode ter tamanho poder sobre o território e sobre seus recursos. Porém percebemos que esse poder só é possível graças à conivência dos poderes públicos que, por certo, lucram com a sua omissão.

A transnacional pretende instalar uma fábrica no estado do Mato Grosso do Sul onde o Aquífero Guarani é uma garantia de água de qualidade e em grande quantidade. É preciso que a sociedade em geral reflita e atue para que casos semelhantes ao do Espírito Santo não se repitam e para que tenhamos controle sobre os nossos recursos, sobre nosso território. Além de exportar celulose esta transnacional exporta indiretamente grandes volumes de água a preços bastante modestos se comparamos com os danos que provocam. A exportação da água que ocorre na produção da celulose para venda pros outros países não é levada em conta, mas aqueles que compram os produtos sabem que a economia do gasto hídrico de seu país é de suma importância.

É preciso romper com este modelo de colonialidade que se perpetua e nos atinge de diversos modos, assim como é preciso renunciar a um modelo de desenvolvimento que subalterniza a natureza e todos os povos que possuem com ela uma relação não capitalista.

4. Bibliografia



BOTELHO, Rosangela Garrido Machado. *Planejamento ambiental em microbacia hidrográfica*. In: Erosão e conservação dos solos: conceitos, temas e aplicações/ Antonio José Teixeira Guerra, Antonio Soares da Silva, Rosangela Garrido Machado Botelho (organizadores)- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

MARACCI, Marilda, et al. *Impactos da apropriação dos recursos hídricos pelas Aracruz Celulose nas terras indígenas Guarani e Tupinikim-ES*. Associação de Geógrafos Brasileiros, Seção Espírito Santo. Vitória – ES. 2004.

NETO, Ana L. Coelho. *Hidrologia de encosta na interface com a geomorfologia*. In: Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos/ organização, Antonio José Teixeira Guerra e Sandra Batista da Cunha. -5ª Ed.- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

OLIVEIRA Junior, Adilson Perreira de. *Territórios Ambivalentes: a luta dos Tupinikim e Guarani frente à cultura de eucalipto no ES/ Adilson Perreira de Oliveira Jubior*. Niterói. 2008

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *A construção do sistema-mundo moderno colonial numa perspectiva ambiental*. In: A globalização da natureza e a natureza da globalização- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SILVESTRE, Daniel; RODRIGUES, Maria Elena. *Eucalipto/ Aracruz Celulose e violações dos Direitos Humanos*. 1ª Ed. Rio de Janeiro, Brasil. 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=es> Acessado em 22/09/14.